HARDI FILHO

Feições do Tempo e da Vida

Teresina-Piauí - 2009

BARRACÃO SEM PORTAS

Herculano Moraes - texto
Francy Monte - música

Fechar o barracão, jogando a chave fora,
Como se fosse possível apagar o que passou!
Nem o **Suicídio do Tempo** pelo **Veneno das Horas**,
Nem o **Dedo do Homem** na memória que restou.

Nem o **Tempo Nuvem**, nem o ontem ou o agora,
Nem a **Estação 14** que o tempo perpetuou.
Nem os **Sonhos** que os **Deuses** recriaram, embora
Sejam figuras que o tempo semeou.

Nada disto ficará no esquecimento,
Mesmo que o barracão, num ato de isolamento,
Mantenha a porta supostamente cerrada.

Pois sempre haverá, na planície ou no monte,
Nas **Cinzas**, no **Orvalho**, **Poemas da mesma fonte**
Guiados pela luz de uma **Gruta Iluminada.**

Academia de Ciências do Piauí

BABYLÂNDIA VARIEDADES

HARDI FILHO

Feições do Tempo e da Vida

Teresina-Piauí - 2009

Para
Hardeli
e família,
com a estima de
ontem, de hoje e
de amanhã —

do pai

Jarbas

Fe. maio - 2009

HARDI FILHO

Feições do tempo e da vida

. Marcas do Silêncio
Intervário
Amor/ativo

Academia de Ciências do Piauí
Teresina-PI/2009

Copyrigth by **Feições do tempo e da vida** - Hardi Filho/2009
Todos os direitos reservados

Digitação/Formação/Design: **Giovani Castro**

Revisão: **Maria Nilza**

Coordenação Editorial: **Herculano Moraes**

Capa: **Cristiana Raulino**

Ficha catalográfica

Hardi Filho • Feições do Tempo e da Vida

MARCAS DO SILÊNCIO

"O silêncio infinito não me aterra,
mas a dúvida põe-me alucinado..."
(Alphonsus de Guimaraens)

Hardi Filho • Feições do Tempo e da Vida

MARCAS DO SILÊNCIO

Neste silêncio três-em-um, se vão
marcando as cores e a sonoridade
só percebidas com a claridade
maravilhosa da imaginação.

Marcas de tudo que há dos céus ao chão,
marcas vitais, de sensibilidade
humana ante a infinita variedade
conceitual, de mente e coração.

No antes, no agora ou no depois,
a configuração em estribilho
de uns passos, dia-a-dia: um-dois, um-dois...

Tarefa que por Deus foi consentida...
Terras e céus unidos por um tilho
de amor e poesia – tempo e vida!

PESO

Todo tempo: no brilho, na conquista,
no desacerto ou apagar de lume,
pesa-me aos ombros algo sem volume,
sem consistência e sem razão à vista.

Pesa-me um peso que se fez costume,
embora todo dia eu não desista
de alijá-lo de mim, e sempre insista
compreender as formas que ele assume.

Pesa-me um peso estranho, diferente
dos comuns que acontecem nesta vida;
um peso indefinido, reticente,

sem cor, sem contextura, sem feição
– não é chegada nem é despedida –
apenas pesa, não diz sim nem não.

O UIVO

Um uivo de atavismo sexual
frente às grades de sombra (ou de sol?)
do imponderável; um uivo inaudível
para o mundo no diário cumprimento
de um destino humano de procura;
uivo de uma paixão expectante
a mil rumos sem rumo, sem roteiro.

O coração e o cérebro singrando
rotas, mares e terras, céus incríveis!
Anseio virtual, expectativa,
busca de contato, de atingimento
da meta/sonho: uma instância plena-
mente bela, feliz, deliciosa
e rara – o coito forma-conteúdo –
arte na sua intensidade orgásmica.

Acontecido o gozo, eis o lobo
de novo totalmente perdido
em nova expectativa, e o seu uivo
novamente sem nenhum caminho.

O poema simplesmente acontece.

A VORAGEM DO TEMPO

A voragem do tempo é invisível
no encanto ou desencanto dos momentos;
se disfarça nos nossos sentimentos,
ações e reações em todo nível.

Essa voragem só se faz visível
depois da vinda-e-ida dos eventos,
após a fúria de contrários ventos,
ou após longo período, o mais fatível.

Ainda bem que muito raramente,
por esse aspecto pávido profundo,
a voragem do tempo é percebida.

Sem meditar, sem dar trabalho à mente,
numa visão simplista: neste mundo
essa voragem nos sustenta em vida.

O USO DO TEMPO

O gosto de viver quase soçobra
quando a pessoa às vezes se intimida
diante do tanto que já fez na vida
e o muito por fazer que ainda se cobra.

Embora seja extensa e boa a obra
feita durante a vida já vivida,
sua missão terá de ser cumprida
até o fim do tempo que lhe sobra...

Sobra, aqui não seria bem o termo;
o tempo é sempre curto quando usado;
e esse uso não sucede certamente

lá num tempo futuro ainda ermo,
nem há como se usar tempo passado.
Só é usável o tempo presente.

COMPANHEIRO

O tempo é um constante companheiro.
Quando dormimos fica de vigia
a noite toda até raiar o dia,
e fica ou vai conosco o dia inteiro.

Mudo, sério, firme, em qualquer roteiro
vai junto; só não serve como guia:
se caminhamos por errada via,
não diz, não mostra o rumo verdadeiro.

Se algo nos fere, a ele nem arranha;
na alegria e na dor nos acompanha
em escuro caminho ou clara estrada.

Imprime, sim, rastilhos de lembrança,
e um grande exemplo dá: nunca se cansa
nessa presença e não exige nada.

A ISENÇÃO DO TEMPO

Vejam, amigos, como o tempo age
na firme intransigência dos seus passos
trazendo instantes de felicidade
e, outras vezes, instantes de tormento

ao ser humano. O tempo, lisa laje,
em todas as vitórias e fracassos
vivenciados pela humanidade,
escorregável, se conserva isento.

Aclare-se esta idéia conflitante:
por conta dele estamos cá no mundo
cientes do seu jugo caminhante.

Ele nos trouxe, ele nos lançará
no vazio de um abismo sem fundo...
E sempre isento permanecerá.

"DE REPENTE"

não mais que de repente"
Vinicius de Moraes

O tempo jamais regressa
e no futuro é ausente.
Assim, como enfrentar essa
de porvir e antigamente?

O tempo passa depressa
estando sempre presente –
o transporte que interessa:
sem ser atrás nem na frente.

No tempo a vida começa
e se acaba certamente.
Se a lembrança se processa

sentimos nitidamente
que sem alarde e sem pressa
tudo passou de repente.

A VIDA HUMANA

A vida humana pode ir de um fio
de linha a um potente vergalhão;
porém só existe uma direção
a seguir, uma rota sem desvio.

Haja calor suportável ou frio,
se fio, fino ou grosso, a propensão,
com muito peso é a rebentação.
Seja o momento áspero ou macio,

à luz do sol, da lua, ao cicio
dos ventos da esperança e da ação,
a vida humana é sempre um desafio:

seja caudal de bens em construção,
seja um riacho ou um imenso rio,
fio de linha ou forte vergalhão.

TEMPOEMA

Ainda bem que danos naturais
não são diariamente percebidos;
o tempo transcorrido é que nos faz
cientes dos desgastes sucedidos.

Graças a Deus males acontecidos,
mercê do tempo ficam para trás.
Os bens, alguns são substituídos
por outros bens que o próprio tempo traz.

Unida ao tempo a nossa vida passa,
e tudo acaba se tornando outrora;
mas há um campo onde o real se traça,

um campo permanente, o tempo-agora.
Nele acontece a graça e a não-graça;
a noite escura e a bendita aurora!

EQUILÍBRIO

Desistir? se não há nunca motivo
nem de parar! Em tudo existe o lado
claro, que se percebe, e outro, esquivo,
escuro, para nós não revelado,

que pode ser o lado positivo
em contraponto ao visto indesejado.
– Que a Terra gire e venha então festivo
dia, ou noite de céu todo estrelado!

Esse equilíbrio leva a vida avante!
Quem vê aqui, melhor vai ver adiante.
Verbo parar – o tempo não conjuga.

Se o bem e o mal provêm da mesma fonte
dita divina, há sempre um horizonte,
e o chão que a chuva alaga o sol enxuga!

O TEMPO NOSSO DE CADA DIA

Esqueça-se o trabalho que foi feito
em termos e formato de poesia;
o tempo passa e modifica o jeito
de fazer versos como se fazia.

Se alimentam o poeta, todo dia,
artimanhas do cérebro e do peito,
misture-se o real e a fantasia
num versejar que seja novo, e aceito.

Do mesmo modo é bom que se proceda
quando em seu passo de veludo e seda
o tempo-nosso se tornar idoso...

Infância, adolescência e juventude
sendo apenas lembranças, que se mude,
que outro viver se tente – valoroso!

NA ESTRADA

A estrada espaço/tempo, já sabemos:
não tem fim nem começo. Na verdade,
nela, nós, seres vivos, é que temos
começo e fim. Desde a antiguidade

a sucessiva humana atividade
tem início no dia em que nascemos;
por conseguinte , essa vivacidade
acaba em cada um, quando morremos.

Subi no carro-tempo em movimento
na estrada onde começa o ativo rito
de qualquer vida. Até este momento,

no "amar" e no "pensar" eu me exercito,
pois sei que só o amor e o pensamento
perduram no vazio do infinito.

VIDA

Amanhece.
Um espaço da terra se aclara
e anima-se o ar. Abrem-se portas
e janelas. Aqui, ali e mais longe
sol alegrando a manhã. Horizontes
à vista num cedo que é sempre cedo.
De cá para lá e de lá para cá
passos ligeiros e os nem tanto;
por ruas, praças, campos e várzeas,
idas e vindas, procuras, contatos;
presenças aqui, ali e mais longe
num cedo que nunca é tarde, e acaso
sendo tarde ainda é cedo e vai –
tarde/manhã – pejado de ilusões,
amores e esperança de conquistas
pelos caminhos e descaminhos
do estranho mistério que é a vida.
Aos poucos, e às vezes de repente,
há transformações no ar, e então
fecham-se portas e janelas de sonhos;
o espaço, parece, entra em sombras;
as vias, vazias; mudas, as esperas.
Cansaço, desânimo, ausências,
quietude. Aqui, ali e mais longe
anoitece.

FAZER O QUÊ?

O que fazer na vida quando a nossa
fé se esvai diante da infelicidade,
quando acontece o pior, quando se apossa
de nós a dor? Quando um mal nos invade,

o que fazer? Esta pergunta coça
a língua de toda a humanidade.
Quando a flor da esperança se destroça
de encontro ao trem de uma fatalidade,

o que fazer? Fazer o quê na vida
quando os trilhos desfeitos nos acenam
lenços brancos em negra despedida?

Por vezes o destino os sonhos trai.
Vale dizer para os irmãos que penam:
com nova aurora a escuridão se vai!...

RIO-VIDA

É comparável com aquela faca
de dois gumes o carma da pessoa;
da anônima, da que se destaca,
da que vai certa, da que segue à-toa,

da que navega em navio ou canoa
no rio-vida, onde não há atraca –
só o barulho vento-e-água ecoa
na correnteza forte, média ou fraca.

Com algum tempo, certo é que a matraca
do fim da via também já ressoa...
Então, se às vezes nosso corpo empaca,

há espaços por onde a mente voa!
Nestes é armar e desarmar barraca,
cair e levantar-se numa boa!

NO OUTONO

Nas dissensões de um verdadeiro amor,
mais vale o sentimento moderar
do que, com seu excesso, exasperar,
perder a paz, o rumo, sim senhor.

Se algum impasse, seja ele qual for,
aparece, devemos tolerar;
melhor é sempre não valorizar
barreiras impossíveis de transpor.

Surgindo negativas circunstâncias,
firmeza de propósito supera,
vão em frente normais as nossas ânsias.

Para manter a paz e a direção,
que se conserve um ar de primavera
no outono bom do nosso coração.

O BEM COMUM

As rotinas da vida bem vivida
hão de formar mais tarde, com certeza,
a estrutura e a lembrança a ela unida,
de um céu terrestre humano, belo e puro.

Mas esse é somente um céu da vida;
há outros, de outras formas de beleza;
todos frutos da rotineira lida
diária – construtora do futuro.

O céu é sempre céu, de face limpa,
azul, sem nuvens, ou por vez nublado;
o céu do bem a humana estima grimpa.

Quem sabe em vida descerrar os véus
do bem comum, com Deus sempre ao seu lado
ergue terrenos e divinos céus.

O BEM MAIS IMPORTANTE

Se os homens bem pensassem no valor
da integridade física e mental
do ser humano, de maneira tal
que o mais que a vida tem de som e cor

jamais soasse nem brilhasse igual
ao som e ao brilho incríveis de esplendor
da saúde perfeita, e da moral,
talvez na vida houvesse menos dor.

Para inserir-se mais à natureza,
descortinar o vasto panorama,
curtir todas as formas de beleza,

o ser humano, que muito se ilude,
que vários outros bens aos céus reclama,
bastava a Deus sempre pedir saúde.

O TEMPO PASSA

O tempo passa. O calendário humano
vai registrando as dores, os prazeres,
a rotina normal dos afazeres
e os imprevistos do cotidiano.

Pode ocorrer: desastre, acerto, engano,
a perdição de bens ou de poderes,
morte – que atinge enfim todos os seres.
Pode ocorrer às vezes fato insano.

Entretanto o que pode acontecer
de pior não será você sofrer
algo que cause mesmo longos ais.

Tenha você bastante ou pouca fé,
a maior dor de desengano é
ouvir do amor a voz de nunca mais...

COM RELAÇÃO AOS SENTIDOS

Em primeiro lugar gostar da vida.
Depois, do tempo, posto que nascemos
para vivê-lo. Aliás, sempre vivemos
no passo desta coisa incompreendida.

A meninice é boa, mas crescemos
e às vezes nossa alma é invadida
por uma sensação desconhecida
ou algo que jamais entenderemos.

No espaço o som de passos que não mentem.
Ouvi-los sem deixar de forma alguma
que mãos ansiosas arrastar-nos tentem.

Sentir da terra os cheiros naturais;
ver sem tristeza um sonho que se esfuma;
saber que o Tudo e o Nada são iguais.

DIFERENÇA

A vida às vezes pune, mas acata
o esforço e os bons propósitos consente;
a vida mostra ser condescendente
até com quem doideja e a maltrata.

A morte vem sem pena, chega, mata
os sonhos de futuro; indiferente
a todas as agruras do presente,
laços e nós de lágrimas desata.

A vida oportuniza que aconteça
o que se quer: amor, que nos convém,
e o mais que de verdade se mereça;

se não, aqui e ali condói-se, tem
pena de nós, nos afaga a cabeça.
A morte não tem pena de ninguém.

TEMPO-NOSSO

Findo o tempo feliz das mamadeiras
quando a criança nada ou pouco entende;
passado o tempo bom das brincadeiras,
anos afora os ser humano aprende

a ter noção das coisas, verdadeiras
e falsas. Dele, então, tudo depende;
das suas fantasias, das maneiras
de agir e dos princípios que defende.

Não se vive futuro nem outrora.
Este arrazoado é propositivo
de uma atenção maior ao tempo-agora,

o tempo certo para amar, sonhar,
o tempo-nosso, de algo objetivo
realizado ou por realizar.

VIVER!

O tempo "agora" existe sem afronta,
sem início, só meio, e sem fim;
ele sustenta-se a si próprio, conta
com o mistério de si mesmo enfim.

Para nós, a lua nasce, o sol desponta,
tal dia vai ser bom ou foi ruim;
a vida faz nossa cabeça tonta
pensar que o tempo também é assim.

Por mais que aqui se lembre, espere, encene
e sonhe, na verdade o que é perene
não tem "quando será" nem "quando foi".

O agora é vida! Amando e sendo amado,
viva-se! Até que o mal ou bem-fadado
sino do fim da nossa sina soe.

NAQUELA ESQUINA

Expectativa
(boa ou atroz)
a coisa viva
está em nós.

Tudo ocorreu
de modo bom,
peça-se a Deus
prossiga o tom.

Se acaso o mal
faz-se presente,
é natural,
o céu consente.

O nosso passo
de única mão,
o tempo, o espaço
mistérios são.

Quando chegar
naquela esquina...
vai-se escutar
a voz divina

que não engana:
- A caminhada
da vida humana
é tudo e nada.

DÚVIDA

O momento escorre, água
de chuvisco invisível,
pela bica da percepção.

Aqui a dúvida: o tempo existe
por si? Ou é apenas percebido
para existirmos entrelaçados?
Acabamos juntos? Será, acaso,
milagre, alucinação?

Certo é que cada pessoa
teve-tem-terá seu tempo – água
de chuvisco invisível
escorrendo (in)dependente
das batidas do humano coração?

SIMPLES

O que mais vale ao homem é viver
e conviver consigo e a sociedade
honestamente, na simplicidade,
sem ambição do ter e do poder.

O que importa na vida e muito é ter
uns dois ou três amigos de verdade,
e, nas medidas da necessidade,
trabalho, casa, pão, e algum lazer.

Também bastante importa ter saúde;
e aqui, nas orações, em voz mais alta
é preciso pedir a Deus que ajude.

Ao homem que de tais benesses goza,
se ainda não a encontrou, só falta
uma mulher bonita e carinhosa!

O USO DA ALMA

Se um dedo da alma marca o terra-dia
do ser humano, calcule-se então,
usada toda: perna, braço, mão...
o que essa alma de bem conseguería.

Indo de coração a coração
quantos transtornos ela evitaria!
Tornando brisa fresca a ventania
e puro o ar para a respiração.

Por vezes com o mal comprometido,
o corpo é todo usado e até vendido
como se fosse coisa que não vive.

Os dotes da alma humana pouco se usa!
Porisso a vida humana é tão confusa.
De a alma toda usar ninguém se prive!

CRIANÇA SEMPRE

Como custa deixar de ser criança,
tornar-se adulto nos comportamentos
conservando a alegria, a esperança,
o entusiasmo em todos os momentos.

Como custa evitar os sentimentos
inocentes, não ter desconfiança
no enfrentamento de contrários ventos
em alguns trechos da terrena andança.

Como custa passar a ver do mundo
os dois lados: o limpo e o imundo...
E humanamente prosseguir vivendo.

Porém ao se humano o que mais custa
é, nas ações ou na palavra justa,
mostrar que não é mais criança, sendo.

OS BENS HUMANOS

Os três primeiros bens humanos são
com certeza: a Vida, a Saúde, o Amor.
Todos os outros aparecerão
ou não, do correr do tempo ao sabor;

bens que alegram, decerto, o coração
dos que merecem mais do que louvor
por trabalhos, ações, dedicação,
perseverança em algo de valor.

Subindo ou descendo os degraus da escada,
só com amor a vida humana é vida,
e bem melhor se vida com saúde.

Assim, zelar de forma declarada
os "bens" da primazia concebida
é a mais humana e válida atitude.

O BARRACÃO

- Poeta, fecha o velho barracão
do peito, abarrotado de lembranças
que muito dizem ao teu coração.
De visitá-lo tanto não te cansas?!

Se algo te diz que sim, tranca-o então,
pois nesse vai-e-vem mais nada alcanças.
Em vez de cultivar recordação
é bem melhor fazer novas andanças...

Fecha, poeta, o barracão. De agora
em diante esquece tudo que mantinhas
guardado com capricho e amor. Talvez

a chave possa até ser posta fora.
Atento à realidade que caminhas,
tranca, poeta, o barracão, de vez!

A ESPERA

Que haja um Deus que criou tudo, e dorme...
Que haja um Deus de amor e de clemência,
acordado, que de tudo se informe,
veja e releve a nossa inconseqüência.

Nada se acabe, tudo se transforme;
o percebido apenas dê seqüência
a algo, sim, de dimensão enorme,
além do alcance da humana ciência.

No ensejo de viver que nos é dado,
esse depois bastante anunciado
se distancia, tem feição de mito.

Ah! meus irmãos de habitação terrena!
Na ignorância da verdade plena,
como é legal a espera do infinito!

AUTOMISTÉRIO

Nós encontramos o tempo
e o deixamos afinal?
Ou é ele que se encontra
com a vida humana? Qual
será a finalidade
desse encontro? Casual?

Será que realmente,
seja percebido ou não,
o tempo é permanente?
Na sua limitação
a vida é incidente?
E os quês de sublimação?

O tempo é um caso sério,
traz e leva as ilusões;
leva o que traz
mas nunca traz o que leva.

Tempo é um automistério
de infinitas feições,
único capaz
de ser sempre luz e treva.

INTERVÁRIO

"Não são da vida os passageiros danos
que dobram minha fronte"

(Aureliano Lessa)

O ÂNIMO VITAL

Pode faltar calçado, vestimenta,
pode haver lodo, pedra, ponta, espinho,
aresta em alguns trechos do caminho,
com galhardia e ânimo se enfrenta.

Se pelo mar, pode ocorrer tormenta
e outros reveses. Pode não ter vinho,
faltar até o pão em nosso ninho,
há uma luz que nos dá força e alenta.

Pode faltar em nossa vida tudo;
entre esse tudo o disputado escudo
do poder e a espada de mandar.

Só não nos falte aquele olhar pra frente,
o ânimo, sim, vital, suficiente
para seguir ou então recomeçar.

POETA
I

Na sociedade humana o que quiseres
tem! Acertos, conchavos, tradições,
etiquetas, o "bem-e-mal-me-queres",
verdades e mentiras aos montões.

A muitas normas, poeta, não aderes
por sentires os erros ou senões;
nesses casos tranqüilo tu preferes
ter, ouvir e seguir tuas razões.

Artista do pensar e do sentir,
o teu afã é caminhar, seguir,
das linhas de horizontes ir além.

Em tua andança, sempre iluminado
cresces feliz a cada passo dado
na vida – este insuperável bem.

II

Caminhador com um farol à testa
tendo a missão de iluminar caminhos,
segues, poeta, degustando os vinhos
do amor, numa vivência sã, modesta,

na qual, porém, há permanente festa;
da singeleza natural dos ninhos
à especial visão dos adivinhos,
tudo através do amor se manifesta.

Na arte de viver te tornas hábil.
Em teu peito só tem lugar o bem;
e com estudo ou sem estudo és sábio.

Por fim, aqui outra constatação:
com certeza, mais do que tu ninguém
sabe escutar a voz do coração.

A HORA PASSA

O ontem já vai longe. Vida a fora,
aqui e ali percebo que um afã
acinzentou-se entre os demais, embora
brilhem ainda as luzes do amanhã.

Nas trilhas da atitude cidadã,
nos dias-noites deste meu agora
passa-me à frente uma figura vã,
meu sósia. Sério, ele não ri nem chora,

acena-se em silêncio e passa, vai,
some. – Será apenas ilusão?
Será reflexo de um futuro dia?

Figura permanente, a hora esvai-
se também, passa, enquanto uma paixão
vital me abraça – a amada Poesia!

O PAR BEM-VINDO

A noite e o dia formam par bem-vindo
em minha vida! Muitas vezes paro
para louvar este contraste lindo
e salutar entre o escuro e o claro!

Creio que amo os dois. De dia encaro
tudo com fé e amor, até sorrindo;
de noite, se acordado eu me declaro
amante das estrelas; se dormindo

misturam-se o real e a utopia
que me deslumbram, posto que, na certa,
para o sonho não há porta fechada.

Passado o sono da noturna via,
vislumbro, entrando pela porta aberta,
o anúncio-luz de nova madrugada!

PONTO CONCLUSIVO

Chegar a este ponto conclusivo:
aqui em nossa vida tudo tem
um referencial contrário ativo
para sabermos o que nos convém.

Graças a esse fato interativo,
às forças contrastantes, MAL e BEM,
aos pólos positivo e negativo,
o equilíbrio no mundo se mantém.

Temos, pois, que amar o bem, e aceitar
o mal nos casos que ele nos afeta
quando regido pelas mãos de Deus.

Somente nos compete abominar
o mal que o próprio homem arquiteta
e a sordideza de alguns atos seus.

HERÓI ANÔNIMO

Na certa não dispõe de lugar próprio
ou emprego condigno que permita
bem exercer a sua profissão
simples de eximio batedor de sola,

pois que escolheu, na rua, uma sombra
de calçada, pela manhã e à tarde,
onde arma a sua improvisada tenda
de consertos, no centro da cidade,

Ali – nas adjacências muitos sabem –
são reparados os sapatos velhos,
os quais retornam como quase novos.

O sapateiro aqui em referência
é um herói entre os demais heróis
trabalhadores deste meus país!

DUREZA

É duro, sim, mas a verdade é esta,
eu a proclamo agora sem desdouro:
somente são na vida alvos de festa
a pompa e o brilho que se vê no ouro.

Se esquece a caridade, não se presta
nenhum tributo à posse de um tesouro
de arte e pensamento. Alguém contesta?
Pode até ser... Num tempo porvindouro...

Depois... que vale um nome numa placa
de rua ou praça, ou mesmo em bronze um busto,
se enfim o povo têm memória fraca?

Se a sociedade faz retrato injusto
do simples que se alteia, se destaca
produzindo obra de alto e raro custo?

VALE OU NÃO VALE?

Será que vale construir um nome,
mostrar-se inteligente, sério, honesto,
homem simples, trabalhador, modesto
no que possui e até no que consome?

Será que vale ter, não manifesto,
um amor-próprio que não há quem dome,
mas ser amigo de quem passe fome
ou seja rico, dar-se bem, de resto,

com as pessoas com as quais mantém-se
uma fraterna convivência humana?
Se o "vale", enfim, convence ou não convence,

pelo menos, está ao nosso alcance
dar à vida – se descorada e plana –
enredo altivo e cores de romance.

A ESCOLHA ÓBVIA

O ser humano vai subindo a serra
dos seus dias aqui, deixando atrás
de si, conforme for, marcos de paz
de construção, ou rastros de pós-guerra.

Produzindo o que a todos satisfaz,
chegando ao fim, a coisa não se encerra.
O que é feito de bem aqui na Terra
não serve só, em vida, a quem o faz.

A família, os amigos, conhecidos,
e até estranhos beneficiados,
lembram decerto e herdam bens havidos.

Portanto, se há o bom e o mau: dois lados
na vida para serem escolhidos,
por que, prá quê juntar-se aos desalmados?

ATÉ QUANDO

Vaza o tempo "água mole em pedra dura".
Até quando vamos seguir, à espreita,
na ilusão da existência de receita
de rumo infausto ou rumo de ventura?

Em dúvida e em dias de tristura,
a pergunta – até quando? – será feita
por quem o seu agora não aceita
e anseia condição melhor futura.

Feliz seguindo o meu itinerário,
as questões do que é bom, do que é ruim,
me aparecem, porém pelo contrário:

por vezes me descubro proclamando
louvor à Vida, a Deus, e mesmo a mim.
Mas até quando? Até quando? Até quando?

A MÁQUINA HUMANA

Magnífica máquina – a humana!
Move-se, à ostra ou mesmo sem café;
vai dos desvãos e andrajos da ralé
ao bom viver do qual rico se ufana.

Mescla de flor divina e flor profana,
capaz de perceber, de amar, ter fé,
pensar e produzir, capaz até
de perdoar irmã que a trai e engana.

Com perfeita e mecânica estrutura
funcional, sendo bem alimentada
é quase certo muitos anos dura.

Magnífica máquina! na estrada –
via que vai do berço à sepultura –
a dúvida cruel do tudo-nada!

POR CONTA DO SEM-USO

Há certas coisas desinteressantes
que a gente faz e todo mundo sabe,
pois são comuns; muitos fizeram antes,
outros farão até que o sonho acabe...

Sonhando ou não, ao ser humano cabe
conseguir, conquistar bens importantes,
necessários, dos quais até se gabe
de ter, de usá-los em certos instantes.

Se o dito acima tem vários sentidos,
declaro que o sem-uso e as compras vãs,
aqui, são os meus alvos principais.

Exemplos: uns copázios coloridos
e um conjunto de xícaras anãs
sempre em repouso ali entre os cristais.

ESPELHO MEU

Não sou só dos abraços de ano em ano
nem dos beijos a léguas de distância;
pelo que sei e vivo, desde a infância
adoro o colo feminino humano.

Não sou de bajular nenhum fulano
que acaso esteja em poderosa instância;
não sou de correrias nem de ânsia
por bens materiais. Muito me ufano

de ser o mesmo em todos os momentos
e situações; com favoráveis ventos
ou não, tranqüilo caminhando eu vou.

"Louvor em boca própria é vitupério".
Mas tu, espelho meu, refletes, sério,
a forma como exatamente eu sou.

DIARISTA

Dedicado ao amor eu sempre fui
desde as revelações adolescentes
com relação aos atrativos quentes
e aos atributos que a mulher possui.

Nas tardes, noites ou amanhãs, ardentes,
a devoção do amor não diminui,
como cumprido lei que se institui,
ainda vivo meus tesões freqüentes.

Tal "a diarista" da televisão,
que enfrenta como se fosse destino
o afã diário, e sempre se dá bem,

ao trabalho do amor não digo não:
escravo e fã do encanto feminino,
diarista na vida eu sou também...

"CARAPUÇA"
(Por ocasião da morte de Ronald Golias)

Solenidades fúnebres descarto.
É sempre triste o preito que se presta
quando alguém morre vítima de infarto
ou de outro mal, daquela forma ou desta.

Homenagem devia haver no parto
e só quando se nasce vivo nesta
terra onde o caminhar se torna farto
de sonhos. Aí sim, se faça festa!

Portanto, a quem mereça, que se preste
ainda em vida justas homenagens
(só não nome de rua e busto em praça).

Na morte, para quê, como uma peste,
alastrar-se o clamor em reportagens
num proveito excessivo da desgraça?

O TRABALHO

Solicitamos a atenção de quem
este soneto ler no tempo vário,
para a importância capital que tem
na vida humana o quefazer diário.

O trabalho é normal e necessário
porque seus benefícios vão além
da produção, do ganho ou do salário:
corpo e mente saudáveis nos mantém.

Seja mental ou físico nos traz
bênçãos, motivos de satisfação,
se não temos por meta os apogeus.

O trabalho, por fim, só bem nos faz.
Façamos dele nossa obrigação,
e tudo o mais fica nas mãos de Deus.

BASTA OLHAR PARA O CÉU

Basta olhar para o céu, pensar no abismo
espacial, e tem-se uma noção
da pequenez da humana condição
e vanidade do filosofismo.

Em torno disso, desde a infância cismo.
Os fatos onde encontro explicação,
e as dúvidas, me causam a emoção
de bem viver entre a fé e o ceptismo.

Basta olhar para o céu e, todo dia,
tem-se a certeza de que aqui na terra
há muita estória, muita fantasia.

Olhar o céu e ouvir o seu mistério!
Aqui há brincadeira até de guerra,
aqui na terra não se fala sério.

AS LUZES

Sem esperar cheguei aqui. Cheguei
do meu jeito, na incauta solitude
de não saber ao certo que atitude
tomar perante a vida. Inda não sei.

Sem esperar, muitas passadas dei
por terras, por caminhos onde pude
ser eu (sem ambição de ter, que ilude)
amando o amor e as luzes que avistei.

Quem nesta vida alcançar tudo espera
e amor no coração não aninhou,
na espera prolongada desespera.

Rogo apenas: do bem que chegou
não se apaguem tão cedo (quem me dera!)
as luzes que ainda avisto de onde estou!

FUTURO PRESENTE

O fato pode parecer estranho,
inusitado ou sem nenhum sentido;
um equilíbrio sem a perda e o ganho
é duvidoso que já tenha havido.

Cada um tem seu tempo. Este é vivido,
por quase todos, com trabalho, banho,
café, almoço, janta – o permitido,
mesmo diverso na forma e no amanho.

Percebo o fato em minha própria vida
atual, algo que me põe à prova
depois de longa estrada percorrida.

Feliz, estou vivendo o meu futuro,
um futuro presente, coisa nova,
pois nele todo dia eu me inauguro!

FIM DE ANO

A vida em sua marcha firme, lenta
(já parecendo rápida pra mim)
no rumo para o qual o tempo venta
e nos carrega. Tudo bem, enfim.

Mais um ano que passa, chega ao fim.
O amor entusiasma, me sustenta
neste passeio (longo? Breve?), assim
também os sonhos que minha alma inventa!

Luzes e sons! Um ano em despedidas,
outro chegando. Pelo dia sinos
tocando! À noite riscos luminosos!

Há realmente festa em muitas vidas.
Como estarão, porém, outros destinos?
Quantos, talvez, em transes dolorosos?

EUÍSMO

(Título em homenagem ao mestre Ascendino Leite)

Gosto de mim. Olhando-me no espelho
vejo-me sempre bem.Gosto de mim.
De cor, gosto do branco e do vermelho;
gosto de início e meio, não de fim.

Comigo próprio muito me aconselho.
Não vendo a vida como trampolim
para outra, poucas vezes me ajoelho
servindo ao semelhante e a Deus assim.

De amar e versejar gosto o bastante
para ser tido como grande amante
e fazedor de poesia a esmo.

Gosto de respirar o ar da paixão,
festa eletiva no meu coração.
Porém do que mais gosto é de mim mesmo!

EU SOU

Sou agora. Prefiro não saber
de tempo muito atrás quando eu não era,
nem de um tempo que vai acontecer,
pois lá também a minha ausência impera.

Questionamento de ser ou não ser,
vários e vãos malentendidos gera.
Sou agora, importante é bem viver
verão, inverno, outono e primavera.

Dia a dia, durante todo o ano,
auto-confiança no trabalho humano
e amor à vida, vão por onde eu vou.

No percurso da minha caminhada
a mim a pergunta é formulada:
Tu és? R e p i t o firme: eu sou, eu sou.

CRIANÇA

Criança é sedução, é singeleza,
em quaisquer condições que se apresente,
sociais, de classe e cor; e justamente
requer por isso proteção, defesa.

Criança é flor de vida e de pureza
ornada de ternura comovente;
uma feliz aurora simplesmente
pela inocência frente à Natureza.

O fino da magia da criança
é não ficar nos tratos infantis,
é nessa quadra não permanecer.

Assim, criança, em vez de uma esperança,
como o jargão da "grande imprensa" diz,
é, sim, uma certeza – vai crescer!

"ALELUIA"

Nasci para viver o intempestivo
desde criança, ou seja, desde a idade
em que no mundo não se vê maldade –
a noite é boa e o dia é festivo.

Nasci para viver conforme vivo.
E já me vem um pouco de saudade
e de tristeza porque sei que há de
chegar no tempo o dia conclusivo...

Lá, sem ânsia, angústias ou temores
(posso antever minhas feições serenas
sem o peso da vida), aos meus amores,

irmãos e amigos de humano convívio,
se eu pudesse falar diria apenas:
"Aleluia! Que céu! Que paz! Que alívio!"

COUSAS E LOUSAS

Penso no dia que marcar meu fim.
Alguém há de falar coisas bonitas
das cousas todas que eu deixar escritas,
cousas e coisas mais feitas por mim.

As coisas acontecem sempre assim.
Vão relembrar então as cousas ditas
e, até, revelar cousas inauditas.
Que coisa! Vão me conhecer enfim.

Essas coisas são próprias deste mundo,
melhor dizendo, desta cousa Vida,
que nos sugere um mundo de outras cousas.

No fim, uma cousa abismal, sem fundo,
onde outra coisa não é percebida
além de covas, túmulos e lousas.

AMOR/ATIVO

"O que adoro em ti é a vida"
(Manuel Bandeira)

AMORATIVO

Existe a poesia sem a rima
e a rima em versos vãos sem poesia.
Há rumos sem caminho e sem bom clima,
e andanças sem proveito em nosso dia.

Manhãs e tardes há sem luz do sol
e noites ermas onde nós não somos;
há plantios inúteis de arrebol
e anos sem as colheitas que propomos.

Nada me abate o ânimo na vida,
nem os meses de azáfama sem messe,
nem o que ocorre oposto ao meu desejo.

Só no plano do amor, minha querida,
um fato me maltrata se acontece:
passar um dia todo sem teu beijo!

SOBRE O AMOR

"Amar e ser amado" – uma junção
de ardores concedida a nós humanos!
O amor leva aos extremos a emoção
de viver; mais fecundo que outros planos

ele unifica mente e coração
para seguirmos, no correr dos anos,
alegres, firmes, produzindo, e não
apenasmente superando enganos.

"Ser amado", porém, é suplemento
nessa junção de raro e alto preço.
Tudo é bem-vindo se a favor do vento

sagrado que é amar. "Amar", que é, sim,
um bem de certo e único endereço.
Será feliz só quem amar assim.

MODO DE SER

Criar raízes num lugar, qualquer
que seja, grande, próspero, ou pequeno;
fazer sempre o que deve, pode e quer,
haja sol, haja chuva, haja sereno.

Se mulher, ter ao lado um homem pleno,
e se for homem ter uma mulher
que saiba como evitar o veneno
da desunião, se assim lhe convier.

Mulher ou homem, ser uma pessoa
solidária, que trate o semelhante
da forma que pretenda ser tratada;

pessoa alegre, que ache a vida boa,
que ame, trabalhe, lute e siga avante
apesar dos tropeços pela estrada.

O SOL DA VIDA

Foram criados no humano esquema
supérfluos bens de aparência brilhante,
luzeiros, um mais que o outro absedante,
sóis falsos, tantos que vai longe o tema.

A estrela centro do nosso sistema
planetário, do qual é integrante
a Terra, fornece luz, calor bastante
aos viventes terrestres. Sem problema,

tudo o mais continuará como antes.
Apesar dos avanços da Ciência,
de onde viemos para lá voltamos.

Aqui existe um sol – o dos amantes!
Durante todo o tempo de existência
nós somente vivemos quando amamos.

OUTROS ALVOS

Homem simples, em toda a minha vida
não construí nenhum terrestre império;
outros alvos na rota a ser seguida
foram levados plenamente a sério:

a poesia, o trabalho, o amor. Na lida
diária usei o tempo com critério,
tendo pelo caminho a decidida
opção da arte como refrigério.

Ergui, sim, uma cabana modesta
na qual minha alma continua em festa
e o corpo, pachorrento já, descansa;

apenas um recanto de repouso,
pois, sempre afoito sonhador, ainda ouso
muito voar com asas de esperança!

OCULTA TRANSPARÊNCIA

Como é legal, sincero, verdadeiro
e franco o meu diálogo com Deus!
Ele me vê como me fez: inteiro,
com qualidades e defeitos meus.

Nos encontramos em qualquer roteiro;
falo, e escuto os bons conselhos seus;
quando se vai, tal fosse um companheiro,
Ele só diz "té logo", nunca "adeus".

Vou caminhando assim, sempre contente,
rindo e cantando, não obstante enganos
e os óbices que encontro pela frente.

Dia a dia portanto, há muitos anos
eu agradeço a Deus este presente:
a minha vida entre os irmãos humanos.

PÁSSAROS NO QUINTAL

Visitam diariamente o meu quintal
pombas-rolas, pardais e bem-te-vis;
pipilam, cantam de maneira tal
que tornam o ambiente mais feliz.

De uma varanda próxima, que fiz
para repouso diário vesperal,
os vejo, e escuto o que o momento diz
de bom para o meu eu sentimental...

Ditos de amor da própria natureza,
revelações em termos de alegria,
de inocência, de vida e de beleza!

Esqueço a idéia de princípio e fim,
pois entre as minhas noites há um dia
e a presença de pássaros assim!

EM DEZEMBRO DE 2006

Foi mais um dia que passou feliz,
e o registro se faz aqui presente.
Ah como é bom para quem sente e diz,
para o mundo saber, tudo que sente!

Isso ocorre porque, sempre contente,
o que a amada quis eu também quis,
o que ela fez e faz, de bom pra gente,
eu também faço como sempre fiz.

Foi mais um dia de felicidade
com a família em casa reunida;
somente aqui e ali uma saudade...

Assim, estamos de alma agradecida
aos céus porque tivemos, na verdade,
mais um dia feliz em nossa vida.

SE EU PUDESSE

Se eu pudesse, quando fechasse os olhos,
em paz, imune às dores, aos ressábios,
às dúvidas, a todos os abrolhos
da vida, eu levaria uns alfarrábios

para meus pais saberem que, entre antolhos
de ignorância e a compreensão dos sábios,
sobrepujei inúmeros escolhos
sem uma queixa a me sair dos lábios.

Assim, eu penso, prestaria conta
do que fiz de acertado nos meus dias
sem a presença deles. – Como apronta

o destino, por vezes surdo e cego!
Impediu que eu lhes desse as alegrias
do arquivo que formei e que carrego!

CORPO E MENTE

Só agora, já perto dos setenta,
os meus anos de vida vão pesando,
o corpo a fraquejar de quando em quando,
enquanto a mente em alta se sustenta.

Ainda bem que somente o corpo enfrenta
certas dificuldades laborando,
a mente continua se apurando
e vôos incríveis, como sempre, tenta.

Se me deram o epíteto de poeta,
numa visão que entendo ser correta
me cabe honrá-lo, merecê-lo enfim,

prosseguindo fiel aos meus amores,
olhando a vida em diferentes cores,
dizendo ao mundo o que há dentro de mim.

A NOVIDADE

(Na véspera dos 70)

A novidade chega à minha vida
e se apresenta em forma de acalanto.
Novidade, sem dúvida, porquanto
só hoje a imagem fez-se percebida.

Realmente me causa certo espanto
a figura, no jeito decidida,
falar-me assim: "Me acolhe, me convida
a estar contigo agora em todo canto."

O espelho aprova. Mostra-se um mistério
que nos persegue desde o nascimento.
Então, levando a novidade a sério,

abro meus braços e respondo: - Vem!
Vem, velhice! A partir deste momento
segues comigo, e vou querer-te bem!

A MUITO MAIS DO MEIO

Nos meus cinqüenta anos fiz questão,
comemorando a data natalícia,
de marcá-los dizendo da delícia
de vida simples que eu levava então.

Nos meus sessenta, fase mais propícia
aos registros do nosso coração,
senti no próprio peito a gravação
de atos e bens em forma vitalícia.

Agora nos setenta eu tenho a sorte
de aqui estar ainda, firme e forte,
pisando a terra, olhando o céu, o mar;

sorte de ver o sol, sentir a chuva,
de ainda degustar um vinho de uva,
de ser amado e ainda muito amar!

DUAS LUZES

Entrei de fato na "melhor idade",
como bem diz nomeação moderna.
Posso agora fazer o que me der na
telha, de acordo com minha vontade,

mas ciente de que nesta vida há de
tudo – bom e ruim. Uma lanterna
conduzo em minha mão franzina e terna:
a luz invicta da moralidade.

Com ela vou cumprindo, passo a passo,
o meu destino de superação,
de amplo proveito de meu tempo/espaço.

Nos afazeres há diminuição;
ocorre que, se menos coisas faço,
mais brilha a luz do amor no coração!

PERDIÇÃO DE AMOR

Correnteza, não se esgota
perdição de amor; é nota
dez! firme na sua rota.

Amo vivendo o amei,
o amo e o amarei.
Estou perdido, eu sei.

Mas navego todo dia
no rio-amor-alegria
que deságua na poesia.

ANDAR

Andar, não como quando fui criança
sozinha pelas ruas da cidade,
num tempo sem idéia de esperança,
de infortúnio ou de felicidade.

Andar agora, na "melhor idade",
testando o quanto e como o corpo cansa,
num exercício de necessidade –
uma diária e diferente andança.

Andar, não como quando adolescente –
nos ombros a dureza inconseqüente
dificultando mesmo o caminhar.

Andar como ando hoje, como gente!
andar na chuva, andar sob o sol quente,
andar e amar em noites de luar!

ESTE ESPAÇO

Este querido espaço sem venenos,
sem confusão, feliz casa de afetos,
é o espaço do bem e dos diletos
sentimentos de paz e amor serenos.

Este espaço de sonhos prediletos,
não é dos grandes nem é dos pequenos;
não foi doado a nós e muito menos
aos nossos filhos e aos nossos netos.

Este espaço, que é franco e sempre aberto,
foi conseguido, sim, com muita ação
e descortino ante o errado e o certo.

Espaço-sonho – realização
de quem nasceu com cérebro liberto
mas solidário à voz do coração.

MEUS FILHOS
I

Confesso, sem qualquer constrangimento
e sem peso nenhum de consciência,
que não os vi em sonho ou pensamento
no amor-paixão da minha adolescência.

Depois os vi nascendo em conseqüência
daquele amor imenso – firme evento –
tão verdadeiro que se fez essência
de uma união que alcança este momento.

Trazendo à casa mais calor humano,
chupetas, novos ares de carinho,
choros, sorrisos, brincadeira, estudo;

embelezando o meu amante plano
eles foram chegando ao nosso ninho
como se pouco fossem, sendo tudo!

II

Em cada quarto de dormir, repleto
de lembranças, as camas de solteiros
e o guarda-roupas, guardião discreto,
porém guardando em seu vazio os cheiros...

Agora, em todos os locais (exceto
espaços alpendrados e banheiros)
há um relógio de parede, quieto,
de um sentimento só todos parceiros.

Todas as vezes que um relógio pára,
prontamente trocamos suas pilhas,
e tudo volta à regularidade.

Os dias cheios de uma doce e amara
recordação dos filhos e das filhas,
manhãs, tardes e noites de saudade.

III

Abro as janelas, deixo o sol entrar
iluminando os cômodos vazios.
Na minha mente, afeita a desvarios,
um diário de vida singular:

crianças (hoje pais, tias e tios)
alegres e sadias a brincar
nas tardes, e depois a se aninhar
para dormir. Instantes de amavios

e de rotinas entre estas paredes;
por exemplo: a de toda noite armar,
e desarmar pela manhã as redes.

No que tocava a elas lembro até
as privações, o esforço em estudar
indo à escola após nosso café.

IV

Para melhor idéia do momento,
todos os cantos da modesta casa
lembram detalhes; lembram, em resumo,
uma família a construir seus dias

em união de vida e sentimento.
Agora me acontece voar na asa
do tempo para trás, revendo o rumo
de sonhos bons e de ilusões sadias.

As cenas infantis que vêm à tona
marcaram muito o coração do pai,
que tudo lembra e hoje se emociona.

Filhos adolescentes, alegrias
sem conta! E junto, o amor por aí vai
cena a cena nas noites e nos dias.

V

Em dolorido e solitário instante
abro as janelas. Logo a claridade
dá nitidez e continuidade
a esta relembrança delirante.

Não sei se desta forma alucinante
alguém no mundo já sentiu saudade.
O certo é que este sentimento invade
todo o meu coração de pai e amante.

Neste momento, dentro de minha alma
é quase uma loucura o que se passa,
e a duras penas eu conservo a calma.

A bem dizer, eu mesmo acudo a mim:
sei que, apesar da dor que ora me abraça,
em tudo o mais somos felizes, sim.

VI

Pois tudo transcorreu na melhor forma.
Cada qual procurou o seu lugar
com esperança e suor, segundo a norma
da boa tradição familiar.

Mesmo que continue tudo a contento
nos diferentes rumos caminhados,
não há negar, por certo, o sofrimento
de cada um, assim, distanciados.

Em todo caso eu agradeço o quanto
Deus fez por mim, unindo dois destinos:
o meu com o da mãe das maravilhas

que são meus filhos, alvos deste canto:
quatro amados rebentos masculinos
e três formosas e queridas filhas.

VII

E neste recordar, por fim aflora
a lida diária da família unida,
em fases cada qual a mais querida:
fase recente e fases lá de outrora.

Portanto, além dos sete, tempo afora
são mais os filhos que me deu a vida,
e a minha alma se queda comovida
como se todos juntos visse agora!

Sim, os sete nas três fases seqüentes –
sete crianças, sete adolescentes
e sete adultos – somam vinte-e-um.

Vejo-os assim, cada um desde pequeno
(visão que torna o meu destino pleno)
numa soma de amores incomum.

VIII

Destino dito pleno no sentido
do que foi feito em tempo multifário,
feito, aliás, além do permitido
pelas forças de ventos ao contrário.

Naturalmente avesso ao alarido
social do ter, no meu fazer diário
formei um lar, modesto, abastecido
não do melhor, mas sim do necessário.

E posso hoje afirmar em alto tom:
se o bom trabalho faz o dia bom,
se a boa cama faz a noite boa,

os filhos fazem nossa vida ter
sentido eterno. Posso, enfim, dizer
que coração de pai não bate à-toa!

IX

É certo: amor de mãe não se compara
a nenhum outro que haja aqui no mundo.
Amor de pai, também grande e profundo
por vezes pode ser, e se declara.

Depende só da luz que há lá no fundo
do peito masculino, humana e cara,
que, se vista e sentida, nos aclara
um sentimento divinal fecundo.

Porém não há negar outra verdade
muito evidente: a sensibilidade
uma agudez maior ao caso traz.

Foi Deus que me moldou assim sensível
e me traçou este destino incrível
de ser na vida amante contumaz.

X

O décimo soneto se inicia
e fecha o tema-canto de um amor
sentido e extravasado todo dia,
seja este alegre ou haja alguma dor.

Na minha vida sempre dei valor
ao sentimento que nos propicia
formar uma família e, no calor
dela, não duvidar que Deus nos guia.

Ele nos deu constante proteção
até aqui e guiou-nos com certeza,
pois tudo da melhor forma se fez.

- Filhos! É grande o meu amor-paixão
pela mulher que tenho, amor-beleza
que se torna infinito com vocês!

MAL/BEM

Guardo-me de ansiedades e de assédios
nulos, enfadonhos, negativos;
procuro desviar-me de motivos
que podem resultar danos ou tédios.

Males e bens (pequenos, grandes, médios)
são naturais; porém, enquanto vivos,
se as impulsões nos fazem mais ativos,
mais vale a sanidade que remédios...

Não mergulhando em nada assim de início,
concorro e muito para acontecer
cada coisa no tempo mais propício.

Só um mal/bem não consegui deter:
meu frágil coração entrar no vício
de amar perdidamente até morrer.

AMOR

Amor só é amor se, na verdade,
tiver início e nunca tiver fim;
se for só primavera em toda idade,
sem inverno, verão e outono. Enfim,

amor tem um sabor de eternidade!
Ninguém duvide, eternidade, sim!
Ele é que faz a sucessividade
da vida neste mundo sem confim.

Amor só é amor, volto a dizer,
quando inexiste o dia de esquecer
os bens do coração de uma pessoa...

E quando em todos os nossos momentos,
sejam quaisquer os atropelamentos,
a vida nos parece sempre boa.

"FINS" E COMEÇO

Nasce a pessoa, cresce, segue em frente;
cedo ou tarde, procura um dia o prumo
normal de sua vida, escolhe um rumo
por onde caminhar feliz, contente.

Na humana sociedade de consumo
"fins" se tornaram fim unicamente;
na ânsia de atingi-los, a presente
hora se perde, esvai-se como fumo.

O tempo (todo mundo sabe disso)
possui três fases, entretanto uma
só mantém com a vida compromisso.

Assim eu penso, assim eu me aconteço
sem perseguir os "fins" de forma alguma.
Sigo feliz – meu rumo é um começo.

Este livro foi editado graças ao apoio cultural da BABYLÂNDIA VARIEDADES, pela generosa colaboração dos empresários Neida Marques Fernandes e Aerton Fernandes

Babylândia Variedades
Apoiando a Cultura Piauiense